



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GILMARA DA COSTA FERREIRA

ENSINO DE HISTÓRIA: REAPROXIMANDO O ALUNO DA HISTÓRIA.

**GUARABIRA
2014**

GILMARA DA COSTA FERREIRA

ENSINO DE HISTÓRIA: REAPROXIMANDO O ALUNO DA HISTÓRIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador (a): Profa. Ma. Luciana Calissi.

**GUARABIRA
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383e Ferreira, Gilmara da Costa
Ensino de história: reaproximando o aluno da História
[manuscrito] : / Gilmara Da Costa Ferreira. - 2014.
32 p. : il.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.
"Orientação: Luciana Calissi, Departamento de
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA".

1. Inclusão Histórica. 2. Problematização. 3. Estágio. I.
Título.

21. ed. CDD 981

GILMARA DA COSTA FERREIRA


ENSINO DE HISTÓRIA: REAPROXIMANDO O ALUNO DA HISTÓRIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

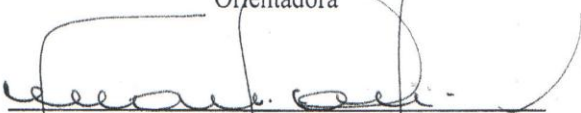
Orientador (a): Profa. Ma. Luciana Calissi.

Aprovada em: 25/11/2014.

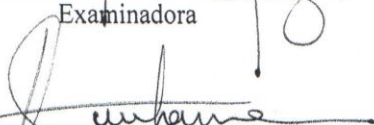
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Prof. Dr. Marisa Tayra Teruya
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

Ao meu Tio Nem, pela dedicação e por ter financiado
minha licenciatura, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, principalmente, pelo dom da vida, por nunca ter me deixado desistir, pela força dada até hoje, por sempre ter estado comigo. Por ter me feito abençoada, e pela oportunidade de ter chegado até aqui.

À minha mãe *Elizabeth*, por ser esse verdadeiro anjo de Deus na minha vida, por ter feito tudo o que estava ao seu alcance para que esse sonho se realizasse. A você mãe o meu muito obrigado, teu amor foi imprescindível na minha caminhada, assim como continuará sendo para sempre. Ao meu pai *Gilmar*, pelo incentivo, e pelo exemplo que sois para mim. À minha irmã *Gilverlânia*, pelo apoio, amor e compreensão.

Aos meus avós, tias e tios, em especial ao meu Tio *Nem*, que desde o início não mediu esforços para me ver formada; financiou todos os custos que tive durante esses cinco anos de graduação, me apoiou e se preocupou com meus estudos. À minha segunda mãe *Helena*, que além de Tia, sempre foi amiga, companheira, e dividi comigo todos os meus sonhos. Sei que essa não é apenas uma vitória minha, mas sim de toda minha família, pois imagino o quanto estão felizes com o término desse curso.

Aos meus colegas de classe pelo companheirismo, em especial a minha amiga/irmã *Valdenia Felix* por ter estado comigo, e com quem compartilhei momentos durante o curso, que com certeza serão eternos.

Às pessoas especiais que surgiram no meio da caminhada, mas, que permaneceram até o fim, como minha também amiga/irmã *Thais Luana*.

À professora *Luciana Calissi* pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência, compreensão e dedicação.

Aos professores do Curso de História da UEPB, Campus III, que direta ou indiretamente contribuíram para minha graduação ao longo desses cinco anos, por meio das disciplinas, debates, conversas e momentos. Em especial, ao Prof. *Carlos Adriano* o qual considero um grande amigo.

“É inevitável e indispensável efetivar relações, comparações entre diferentes tempos e espaços históricos, no procedimento da abordagem do estudo da História.” (Eric Hobsbawm)

ENSINO DE HISTÓRIA: REAPROXIMANDO O ALUNO DA HISTÓRIA.

FERREIRA, Gilmara da Costa.*

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino de História, numa perspectiva de inclusão histórica, que consiste em reaproximar o alunado dos temas/assuntos propostos em sala de aula. Essa prática será analisada e descrita nas oficinas e regências desempenhadas no estágio obrigatório realizado para a conclusão do curso de licenciatura em história da UEPB. Serão narradas as primeiras experiências tidas com a ponte ensino/aprendizagem, e como essas experiências se tornaram cruciais para uma prática docente em que a história é inserida na realidade do aluno através da problematização enquanto metodologia.

Palavras-Chave: Inclusão Histórica, Problematização, Estágio, Sala de aula.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the teaching of history, a historical perspective of inclusion, which involves reconnecting the student body of the topics / issues proposed in the classroom. This practice will be analyzed and described in the workshops and regencies performed in mandatory training held for the completion of the degree course in history UEPB. Are narrated the first experiences with the bridge teaching / learning , and how these experiences have become crucial for a teaching practice in which the story is embedded in reality the student through the problem as a methodology.

Keywords: Historical Inclusion, Curriculum, Training, Classroom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
MEMORIAL	3
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	11
A oficina	12
A regência.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICE A – ROTEIRO DA OFICINA DIDÁTICA.....	21
APÊNDICE A – PLANO DE AULA DA REGÊNCIA.....	23

INTRODUÇÃO

Este relatório tem como finalidade apresentar e refletir sobre alguns desafios e também alegrias vividas durante todo o decorrer dos estágios de Observação e Regência realizados como parte dos componentes curriculares do Estágio Supervisionado I e II, exigidos para a conclusão do curso de licenciatura em História. O mesmo se divide em duas etapas, oficinas e regências, ambas serão descritas neste relatório.

No estágio, as oficinas foram trabalhadas com a turma do 1º ano EJA na escola E.E.E.F.M Prof. José Soares de Carvalho, em Guarabira, e as regências, com a turma da 3ª série na escola Benjamim Maranhão em Araruna.

Nesse trabalho serão citadas as condições estruturais das duas escolas nas quais foram desempenhados os estágios, sendo duas realidades totalmente distintas, assim como também serão narradas as experiências vividas nessas duas modalidades do estágio, as metodologias usadas, os conteúdos, assim como a interação alunos/professoras. Também se pretende realizar alguns questionamentos/reflexões sobre estas experiências em favor da minha formação como docente em História.

A principal questão trabalhada aqui será o conceito de “Inclusão Histórica” de Idanir Ecco, em seu trabalho *O Ensino de História: evidências e tendências atuais*; este, nos apresenta como proposta o estudo de um tema ou fato histórico em sala de aula que deve se inserir na vida do aluno enquanto indivíduo de uma sociedade. O mesmo afirma: “Re-aproximar o educando do estudo da História significa, também, praticar a ‘inclusão histórica’ e firmar o potencial transformador dessa modalidade do conhecimento.” (ECCO, 2007, p.133)

Este é um desafio que tem como objetivo tentar indicar o modo de reaproximar o alunado dos temas históricos, fazendo com que a história possa “afetar” a vida do indivíduo de forma transformadora. Veremos como essa aproximação ocorreu nos estágios, além de refletirmos sobre uma metodologia usada para se chegar a essa inclusão: a metodologia da problematização.

Durante nossa formação acadêmica tentamos aprender, entender e discutir métodos, teorias, concepções que nos auxiliem no ato de ensinar. Por se tratar de uma licenciatura de

história temos a obrigação de repensarmos os métodos utilizados até hoje em sala de aula, e com isso buscarmos novas metodologias para ampliarmos ainda mais a prática docente numa perspectiva histórica. Repensar principalmente o fazer histórico em sala de aula; uma prática docente que auxilie e complete o pensamento histórico proposto possibilitando ao professor uma forma mais dinâmica de ensinar história.

“O debate em torno da superação do ensino tradicional já marca um período considerável, problematizando também o ensino de História e o cotidiano da sala de aula. Muitos esforços e recursos foram e estão sendo despendidos neste sentido e mudanças, indiscutivelmente, são perceptíveis. Porém, restringindo o olhar para o contexto escolar, mais precisamente para o espaço da sala de aula, identificam-se práticas e fazeres pedagógicos marcados por um relativo insucesso de renovação metodológica, de superação dos fazeres repetitivos, fragmentados, descontextualizados.” (ECCO, 2007, p. 130).

Vemos, pois, que muito já se tem feito para essa renovação metodológica. Daí a importância que a teoria exerce sobre a prática, porém, o que seria da teoria sem a prática, e vice-versa? Por isso, além das discussões temos a tarefa de praticar aquilo que vimos dessas teorias, ou, ao menos tentar por em prática metade do que compreendemos dessas concepções.

A autora Neusi Aparecida Navas Berbel, professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, em seu artigo “*A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?*” apresenta duas propostas para o desenvolvimento dos processos de ensinar e aprender; a problematização e a aprendizagem baseadas em problemas; a primeira como metodologia e a segunda como proposta curricular de aprendizagem. E, portanto, já que estamos discutindo a prática em sala de aula, focaremos nossa reflexão sobre a metodologia da problematização.

Lembrando que essa problematização partiu a principio das aulas na universidade. Pois desde o início do curso de graduação em História somos instigados pelos professoras a problematizar temas, e isso mais adiante me incitou a desenvolver esse trabalho nessa perspectiva e metodologia dos problemas.

Neusi usa para essa metodologia, uma representação de Charles Maguerez, que é o Método do Arco, no qual “constam cinco etapas que se desenvolvem a partir da realidade ou um recorte da realidade: Observação da Realidade; Pontos-Chave, Teorização; Hipóteses de Solução e Aplicação à Realidade (prática)”. Veremos que algumas dessas etapas foram efetuadas durante o estágio.

Para exercermos em prática o que nos foi repassado durante nossa graduação, precisamos desempenhar o estágio, um pequeno tempo exercendo a profissão pela qual optamos. O mesmo exerce um peso enorme na vida academia dos graduandos, por se tratar do último período de curso, e por ser decisivo, afinal é com o estágio que saberemos se realmente temos aptidões para sermos bons professores.

É importante, também, destacar que os objetivos do Estágio referem-se à necessidade de fazer com que o graduando perceba as dificuldades cotidianas de um espaço escolar, aprenda métodos de como lidar com o alunado, conheça e se adeque as diretrizes educacionais brasileiras, fazendo com que no final de cada etapa o mesmo reflita sobre o papel do historiador na sociedade implicando também na reflexão sobre a profissão escolhida.

A escrita deste relatório também representa um momento importante de reflexão sobre as ações nas escolas. Assim, a elaboração deste possibilita uma análise crítica do desempenho do aluno estagiário, no que se refere à sua prática educacional, possibilitando também o estudo dos novos pensamentos e ações que nós alunos de graduação estamos levando para as salas de aulas.

A exposição desse trabalho se organiza da seguinte forma: primeiramente o Memorial, onde estará sendo narrada um pouco de minha experiência escolar; dos primórdios escolares até os momentos marcantes que me fizeram chegar a esse curso de graduação; em seguida, descreve-se o Relatório das oficinas e regências, onde são relatados os momentos desde o planejamento até a devida execução. Com a apresentação desses faço minhas considerações finais, que consistem em síntese dos pontos julgados por mim mais importantes do relatório. Também estão sendo aqui anexados os apêndices; documentos utilizados nas oficinas e aulas, e também fotos de ambos os momentos.

MEMORIAL

Gilmara da Costa Ferreira, nascida no ano de 1993, com 21 anos de história. Reside na cidade de Caiçara, PB.

Desde o começo lembro-me de sempre ter sido empenhada nos estudos, sempre gostei de ir à escola, e nunca tive dificuldade no convívio escolar. Minha mãe relata que poucas vezes, talvez em nenhum momento, eu tenha dado "problemas" a ela na escola ou com relação aos estudos. Estudei a primeira fase do Ensino Fundamental em uma escola particular na cidade de Caiçara, onde resido até hoje; esta escola se chama "Educandário Núcleo Infantil Arco-Íris", que ainda existe e foi nela que estudei da Alfabetização em 1998, à 4ª série em 2002, salientando que nunca estudei no pré-escolar, pois ao me matricular nesta instituição, mandaram-me diretamente para a alfabetização, alegando conhecimentos já obtidos por mim.

Recordo-me bem mais da 4ª série, hoje 5º ano, na qual estudei em 2002. Era uma turma agradável de velhos conhecidos, pessoas que vejo até hoje, e algumas até fazem parte da família. Foi justamente na 4ª série que em uma aula de Ed. Física, brincando de "rouba bandeira", uma brincadeira que consiste em conseguir roubar a bandeira de outro grupo, acabei ganhando minha segunda cicatriz na testa.

Gostava muito de esporte naquela época, mesmo sem ter nenhuma aptidão para qualquer exercício físico, o que não é diferente de hoje, continuo sendo um "desastre" em categorias físicas. Foi justamente nesse período que se iniciou meu gosto pela leitura; nessa escola que estudei havia uma biblioteca em um corredor, e sempre que tinha tempo, na maioria das vezes após o lanche, eu ia até essa biblioteca ler alguns livros de histórias infantis. O primeiro que me entusiasmou foi "Tampinha" da autora Ângela Lago*, do qual nunca esqueci o título, imagens e trechos do mesmo. Posso afirmar sem medo que na minha vida foi justamente esse livro que me fez criar bases de uma boa leitura, e se eu nunca o tivesse conhecido enquanto criança, talvez não soubesse enquanto adulta ler e apreciar um bom livro.

Minhas experiências na segunda parte do ensino fundamental, na época da 5ª à 8ª série, foram um tanto problemáticas, tinha acabado de sair de uma escola particular para entrar em uma escola pública. Dois espaços diferentes, com contextos diferentes, pois estava acostumada a ver alunos, em sua maioria, comportados, que não quebravam cadeiras, e que muito menos chamavam palavrões, já que esse tipo de comportamento não ocorria na escola particular onde estudava; e ao ingressar na escola pública, tudo isso passou a ser comum. Foi

* Escritora e ilustradora, mineira, nascida em Belo Horizonte, em 1945, Ângela Anastácia Cardoso Lago.

ai que comecei a dar espaço a bagunça e a conversa. Alguns professores sempre se "queixavam" da enorme conversa que existia na sala, sempre envolvendo o meu nome e de algumas amigas; talvez pelo fato de não nos vermos muito, e deixarmos para colocar o "papo" em dia no colégio.

Cursei a 5ª série no ano de 2003, essa sim foi a mais assustadora pra mim, tinha apenas 10 anos e estava em uma sala com quase 45 alunos, alguns bem mais velhos do que eu, que chamavam palavrões, e poucas vezes mostravam-se educados, sem falar na realidade de algumas meninas, que na maioria já tinha passado pelo primeiro beijo ou estavam namorando, enquanto eu corria dos meninos.

Sempre me acharam inteligente, mas acredito que era pelo fato de que, observando a realidades daqueles alunos, muitos repetentes e outros que não queriam saber de nada com a vida, talvez eu fosse realmente diferenciada para eles. Mesmo com a conversa sempre tive notas na média de 10, 09 e 08 dificilmente abaixo desses números. Foi na 6ª serie que me vi bem competitiva; havia uma aluna recém-chegada da cidade vizinha, que sempre fazia questão de tirar o meu "posto" de mais inteligente da classe; todas as vezes que um professor fazia alguma pergunta na sala, sempre era eu a responder primeiro até ela chegar, e passar a levantar a mão primeiro que eu. Houve até mesmo um dia em que nós duas acabamos brigando na sala de aula, foi bem vergonhoso para mim, porém não tive como ficar calada diante das "piadas" que ela soltava sobre mim em quase todas as aulas. O espírito de competição pairava sobre nós duas, sempre queríamos tirar notas maiores que a outra; nesse período despontava ainda mais meu esforço e gosto para estudar, essa competição fez com que nos empenhássemos mais nos estudos, e de certa forma resultou na aprovação de ambas no vestibular da UEPB, eu para História e ela para Pedagogia.

No ano de 2005, estava cursando a 7ª série, essa foi marcada por um caso isolado, uma brincadeira que gerou uma discussão, me levando a uma "quase" expulsão; "quase" porque devido ao meu bom desempenho nas aulas, e por ser uma aluna participativa, preferiram apenas me trocar de turno, já que eu estudava pela manhã passei a estudar a tarde. Lembro-me de como fiquei nervosa, e como fiquei com medo do que meus pais iriam fazer comigo, acabei ouvindo apenas uns bons sermões, e ficando sem sair de casa por um mês.

Foi no Ensino Médio que intensifiquei meus planos para um futuro curso universitário. Em 2007, no 1º ano me destaquei em muitos seminários principalmente da

matéria de biologia, talvez tenha surgido daí minha vontade de cursar ciências biológicas. Sim, porque passei todo o ensino médio ciente de que minha profissão seria a de bióloga, sonhava com o curso de Ciências Biológicas, História não estava em meus planos, ou melhor, nunca esteve.

Apesar de me destacar em seminários e ter um bom desempenho em sala de aula, assumo que desde sempre as "amizades" me influenciaram em muitas atitudes; passei também a "matar aula", principalmente as aulas de português, sempre tive pavor de gramática, sintaxe etc. Em uma dessas "matanças" de aula, fui delatada a meus pais, e nesse dia lembro-me bem do castigo que levei de meu pai, fiquei ajoelhada no chão durante uns 30 minutos, sem poder me mexer, e ele ainda me fez pedir desculpas a minha mãe; depois desse ocorrido nunca mais cometi esse erro.



(IMAGEM 1 - Eu e minhas amigas, quando cursava o 3º ano de ensino médio, na E.E.F.M.Profª Maria Gertrudes de Carvalho Neves – Fonte: Acervo da autora)

A leitura, a educação e a cultura sempre me despertaram muito interesse, por isso nesse mesmo período fui convidada para participar do grupo ATITUDE; um grupo voluntário que a princípio surgiu de um sonho tido pelo Prof. Jocelino Tomaz de Lima, que consistia em revolucionar a educação de nossa cidade (Caiçara) com projetos que incentivasse os três aspectos citados; leitura, educação e cultura. Ele imaginava universitários e professores unidos e com o mesmo objetivo; transformar a educação caiçarense. Hoje em dia o grupo é formado não apenas por professores e universitários, mas por estudantes do ensino fundamental e médio, com intuito de fazer com que esses alunos despertem-se também para a leitura, e com isso, muitos desses que se empenham no grupo sejam aprovados nos vestibulares.

O Grupo já desenvolveu 11 projetos e hoje conta com cerca de sessenta voluntários. Em 2013, concorreu com êxito a um prêmio de projetos de leitura organizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Foram 412 projetos inscritos e 100 deles seriam contemplados com 32 mil reais cada. Foram inscritos dois projetos e ambos premiados, um deles foi o 1º lugar da Paraíba. Outro projeto interessante que durou alguns anos foi o grupo de Teatro “ARTTUDE” do qual fiz parte; as peças que fazíamos eram todas feitas exclusivamente por nós, os roteiros (que eram focados na leitura), os cenários, as roupas dos personagens etc.

Através desse grupo conseguimos criar a primeira biblioteca pública de Caiçara; não é uma biblioteca grande, e nem tem uma estrutura adequada para a mesma, porém consegue desempenhar um papel eficaz quando se trata de oferecer livros de ótima qualidade para a nossa comunidade.

Aprendemos com o grupo, que mesmo sendo um trabalho voluntário, muito se ganha estando a serviço de uma causa tão nobre, quanto a de levar a leitura a todos aqueles que não têm acesso a mesma. Posso dizer então, que essa tenha sido o primeiro contato que tive com esse diálogo ensino/aprendizagem, pois todos os projetos de que participei no grupo, tanto contribuí com o aprendizado de algumas pessoas, as quais eram beneficiadas com os projetos, quanto para mim.



(IMAGEM 2 - Voluntários do Grupo ATITUDE – Fonte: Acervo do Grupo Atitude)

Como foi dito, muitos são os projetos que até hoje são desempenhados pelos voluntários, um dos últimos que pude participar tratava-se de uma pequena exposição da memória de um conterrâneo pouco conhecido pelos moradores, Rafael de Carvalho, que atuou

em algumas novelas inclusive na primeira versão de Saramandaia, onde fazia Seu Cazuza Moreira. Colocar o coração pela boca era uma das peculiaridades do personagem. Rafael também participou de alguns movimentos sociais, escrevendo cordéis na época da ditadura e nas ligas camponesas. Participar deste grupo me ajudou muito a desenvolver a capacidade de leitura do mundo e, conseqüentemente, contribuiu para meu desenvolvimento no curso de História onde acabei relacionando minhas experiências vividas no grupo, com algumas aulas; principalmente as de prática pedagógica.

No ensino médio as aulas, principalmente de história, nunca foram tão diferentes das aulas do ensino fundamental, os professores sempre usaram o método, "irei copiar no quadro e vocês copiarão no caderno". Poucos foram os professores que encontrei que me instigaram a pensar, nem sequer uma iniciativa partia deles quanto a problematização, por menor que fosse. Antes do estágio eu não havia pensado nessa questão, e talvez por isso levar essa problematização para sala de aula durante as poucas aulas que apliquei durante o estágio, fosse minha maior preocupação, e entre erros e acertos, imagino que devo ter despertado ao menos em alguns alunos um olhar mais preciso nesse sentido.

Na escola onde estudei, o único diferencial partiu de um professor de Geografia, mesmo com todas as dificuldades que prevalecia sobre a turma, ele tentava de alguma forma despertar em nós um sentido mais crítico, funcionou comigo. Eu já devia apresentar a criticidade em minhas opiniões naquela época. Este foi o "pontapé" para minha segunda opção de curso, História.

Já em 2009, no 3º ano do ensino médio havia chegado o momento de fazer as opções de curso, a primeira na UFPB e a segunda na UEPB; como minha primeira opção sempre foi Ciências Biológicas foi fácil escolher, já a segunda opção foi mais complicada para uma decisão. No processo de escolha do curso, entre os cursos da UEPB de Guarabira, com quais eu não tinha muitas afinidades, acabei ficando com História. A principio torcia para me dar bem e passar para a UFPB, fiquei na lista de espera, porém não era esse o curso reservado pra mim. Passei logo de cara na UEPB para História e mesmo sem comemorar muito, resolvi fazer a matrícula e cursar até fazer outro vestibular e tentar novamente aquela que era a minha primeira e preferida opção de curso. Entrei na universidade em 2010.

O primeiro ano de curso foi aterrorizante, muito assustador para mim, pois o primeiro período de História acaba ocasionando uma desconstrução de toda e qualquer

“verdade” que você traga consigo, por isso muitas foram as noites que cheguei em casa dizendo que ia desistir do curso, mas minha mãe sempre pediu pra que eu tivesse um pouco mais de paciência e fosse levando até passar pra um suposto "curso melhor".

No segundo ano, eu já começava a gostar de algumas cadeiras específicas como Teoria da História e algumas direcionadas a prática docente. Passei a chegar em casa mais entusiasmada e sentia lá no fundo que era aquilo que eu realmente queria; quem não gostava desse meu entusiasmo eram meus pais; minha mãe queria me ver fazendo qualquer outro tipo de curso, pois achava que fazendo história eu iria deixar de ter fé, ausentar-me da doutrina católica etc. Meu pai sonhava em me ver fazendo Direito, mas eu ia cada vez mais sendo cativada pela problematização e mudança de olhar que a história me proporcionava.

Nesse mesmo ano (2010) pude ter minha primeira experiência em sala de aula, não exatamente na minha área, mas pra mim já estava valendo pelo fato de ser meu primeiro emprego. Comecei a ensinar na educação infantil, onde atuei durante 3 anos trabalhando com crianças de 4 a 5 anos, um experimento a princípio bem estressante mas que se torna proveitoso quando se ganha um pouco de experiência e gosto pelo espaço escolar. É preciso ressaltar o quanto foram produtivos para minha vida docente esses três anos como professora infantil, pois me possibilitaram a prática de algumas metodologias, assim como também me fizeram ver o quanto é importante observar e entender o aluno enquanto indivíduo e também como produtor de conhecimento, pois durante esse período que ensinei a essas crianças, muito me foi passado e ensinado também por elas. Isto não acontece apenas com crianças, essa troca de saberes também acontece quando ensinamos a jovens e adultos, pois toda ação docente envolve essa troca de conhecimento, tanto ensinamos como aprendemos.



(IMAGEM 3 - Turma do Pré II a qual ensinei durante 2 anos na E.E.P.S – Fonte: Acervo da autora)

Já o terceiro e quarto anos do curso, só confirmaram o sentimento que vinha aumentando e se concretizando dentro de mim, o ofício de historiador já se fazia presente em meus discursos, e a profissão de professora foi apenas consequência, ou/e há quem diga que fosse minha vocação. Alguns familiares expressaram o ditado de "ser do sangue" por existirem na família uma professora e alguns universitários também da área de história.

No último semestre 2013.2 tivemos que desempenhar enquanto atividade avaliativa do estágio uma oficina didática, na turma do 1º EJA; nela percebi o quanto me faz "familiar" e prazeroso a sala de aula; confesso que cheguei a ficar nervosa por não ser uma turma, cidade e metodologia que estava acostumada a trabalhar, o que me fez ficar impressionada com minha atuação. Uma experiência divisora de águas para mim, pois, pela primeira vez, pude perceber que essa profissão me é prazerosa. Ainda há muita estrada para percorrer, mas sei que as poucas experiências em sala de aula que tive, já foram decisivas e assim espero seguir em frente quanto a minha caminhada acadêmica.



(IMAGEM 4 - Alunos e monitores da oficina didática referente ao componente curricular ES – Fonte: Acervo da autora)

Passei alguns anos da minha vida tentando responder a mim mesma porque ter optado pelo curso de história e só depois de muito me perguntar consegui chegar à uma resposta um tanto profunda: "Digo a mim mesma, é aqui onde eu deveria estar, é aqui que estou e é aqui que eu quero ficar".

Assim, o fazer história passou a ser o meu caminho. E um pouco dele continuo a contar de forma reflexiva na narrativa de minhas experiências nas escolas durante as atividades de Oficina e Regência do Estágio Supervisionado.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio permite ao aluno da graduação, um contato direto com a prática referente a profissão que ele escolheu, e isso, torna-se decisivo principalmente quando o aluno passa a vivenciar as experiências, a se familiarizar com o local onde irá desempenhar o estágio, a ter contato com as pessoas que estarão diretamente ligadas ao estagiário no decorrer de suas atividades. Assim, o mesmo tem a oportunidade de avaliar se é realmente essa a prática que ele deseja exercer durante a vida.

Dividido em duas etapas, o estágio inicia com a observação, onde também foram realizadas oficinas nas escolas, e termina com o ato da regência, onde são desenvolvidas as aulas convencionais nas salas onde o professor regente da escola básica atua. Neste momento, nós estagiários temos o espaço cedido por este profissional por algum tempo. Vale ressaltar que tanto para as oficinas, quanto para as regências houve uma conversa com os professores regentes da escola – campo de estágio – sobre quais os temas/assuntos que iriam ser discutidos. A primeira etapa foi importante, como colocado no memorial, por que permitiu a nós estagiários um contato direto com a sala de aula, com os alunos, e até mesmo com a posição de professor, pois para alguns de nós, esse foi o primeiro contato com essa realidade. A regência nos serviu para aprimorar a criação de um plano de aula e metodologia, também apresentou para nós dilemas, como o de ensinar no período noturno onde na maioria das escolas do nosso país há uma carência de alunos.

A princípio, praticar as oficinas foi a parte mais empolgante dessa primeira parte do estágio. Tivemos a oportunidade de trabalhar com um tema polêmico, que consistia em uma carga social e histórica interessantíssimas, foi muito bom poder expor de forma dinamizada problemas relacionados aos “Protestos de Junho”. A turma foi bem receptiva, nos deixou bem à vontade, e graças a isso pudemos passar o objetivo de nossa oficina com mais confiança e clareza.

A escola na qual desenvolvemos esse trabalho tinha aparentemente uma estrutura apropriada para um bom funcionamento; nela vimos um pátio cujo espaço era razoavelmente adequado para a execução de quaisquer atividades realizadas ou previstas pelo corpo docente da instituição, tinha salas suficientes para a distribuição e organização das turmas, dispondo também de biblioteca, secretaria e sala de professores. Não havia muitos problemas que pudessem ser vistos por nós durante as visitas que fizemos.

As oficinas foram um tanto renovadoras, e contribuíram para confirmar a escolha de profissão que fizemos. Elas agradaram não só a nós como também a turma de alunos do Ensino de Jovens e Adultos; isto ficou claro a partir de comentários feito por eles, e pela professora regente que nos recebeu. Não tivemos muitos desafios com as oficinas, o maior problema e claro o mais comum, foi nos reunirmos com a professora, porém isso logo foi resolvido com várias visitas feitas à escola.

Quando se trata das aulas ou regências, o caso se torna um pouco mais delicado, tendo em vista que teríamos que aplicar essas aulas em duplas, e a minha colega acabou sofrendo um acidente, então por conta do estado físico e psicológico dela, não demos conta de ministrar mais que duas aulas. A parte boa de tudo isso, é que no nosso caso, fomos devidamente agraciadas com uma experiência motivadora na sala de aula; não houve nenhum problema no contato com a professora regente e tudo foi resolvido facilmente. Já tínhamos marcado o dia, e ela já havia nos disponibilizado o tema e principalmente sua ajuda no que fosse necessário.

As aulas em si foram expositivas e bem dialogadas com os alunos, em todo o momento a professora esteve em sala de aula nos observando, o que foi bom, porque ao final ela mesma pode tecer comentários sobre a nossa atuação, comentários esses que nos estimularam ainda mais a exercer essa profissão.

A oficina

A escola, E.E.E.F.M Prof. José Soares de Carvalho, na qual efetuamos a oficina aparentava ter uma boa estrutura física, se comparada a outras escolas com as quais tive contato. Seu corpo administrativo compunha-se pela diretora, pela vice-diretora, o secretário, e serventes em geral. Dispunham de 1.980 alunos, 19 salas, incluindo laboratório de

informática e sala de vídeo. Nos dois dias de observação que tivemos, não encontrei nenhum tipo de ocorrido que viesse a expor qualquer problema quanto a essa questão de estrutura. Oferecendo aos alunos um ginásio, cantina, biblioteca, auditório e outras respectivas salas para aulas, professores e diretores.

Desenvolvemos nossa oficina com alunos do 7º Ano EJA noite. O perfil dos alunos era bem variado, afinal, por se tratar deste tipo de modalidade de ensino, encontramos jovens e adultos em um determinado espaço escolar. Ao todo, tínhamos alguns alunos mais interessados que nos questionaram, participaram e aceitaram participar da confecção de cartazes elaborados a partir de uma atividade de oficina por nós proposta. Porém, também tivemos alguns, a minoria, um ou dois, que saíram da sala e não ficaram para a confecção dos cartazes.

Iniciamos nossa observação no dia 05/08 uma segunda-feira, quando nos deparamos com um fator crítico, não existia uma turma formada – já que muitos alunos haviam desistido e outros alunos estavam ainda se matriculando – para que pudéssemos conhecer, e aperfeiçoar nossos conhecimentos da mesma, para uma preparação mais adequada da oficina. Voltamos à escola no dia 12/08 também segunda-feira, nesse dia já existia uma turma formada por 10 alunos, nos apresentamos para eles e conversamos um pouco sobre o possível tema a ser abordado por nós na oficina, aceitamos sugestões e fizemos um contato proveitoso com a maioria deles.

Marcando a prática da oficina para a segunda-feira seguinte, que era o único dia que a professora regente que nos acompanhou, ensinava àquela turma. Com isso não tivemos a oportunidade/possibilidade de conversar com a Professora sobre suas metodologias, e planejamentos, porém durante nossas observações foi a própria que sugeriu o tema "As manifestações de Junho" para trabalharmos com a turma, por se tratar de um tema atual que levaria ao alunado um entendimento ainda maior sobre todos os movimentos que ocorreram em todo o país. Esta proposta veio ao encontro da minha perspectiva quanto ao conhecimento significativo proposto por Ecco (2007), pois se tratava de movimentos ocorridos em outro estado, e os alunos não aproximavam esse contexto do seu, por isso nós resolvemos trazer essas manifestações para mais perto deles, mostrando que em nosso estado também ocorreram diversos protestos, inclusive na própria Guarabira, cidade onde se localizava a escola onde trabalhamos a oficina.

Usamos como fontes para o planejamento da oficina blogs, e portais que noticiaram os movimentos de junho tanto no Brasil quanto na Paraíba, assim como também utilizamos o livro, *Sociologia para Ensino Médio*, TOMAZI, Nelson Dacio (2010). De modo geral, a oficina foi bastante proveitosa, tivemos um pequeno empecilho quanto aos horários dos nossos transportes, porém não atrapalhou em nenhum momento o planejamento da mesma. Ao chegar na sala deparamo-nos com um "chá de bebê" de uma das alunas, o que de um certo ponto colaborou para que tivéssemos tempo de instalar o Datashow, recurso da escola que foi usado para o desenrolar de nosso trabalho.

Iniciamos a oficina com uma problematização; tentando fazer com que os alunos questionassem as imagens projetadas no Datashow sobre as manifestações ocorridas em diversas regiões do país, o intuito era fazer com que os mesmos apontassem, perguntassem e relacionassem essas imagens.

Em seguida, foi feita uma breve exposição sobre a origem dos protestos e de outros movimentos populares ocorridos no Brasil, concluindo a abordagem do tema destacando a repercussão das manifestações no Estado da Paraíba, e finalizando a oficina didática com a produção de cartazes pelos estudantes, após instiga-los sobre as suas possíveis reivindicações, expondo-os para os demais colegas da turma.

A forma como nós, estagiários, apontamos nossos olhares para todos os aspectos gerais do tema, despertou em muitos dos alunos o desejo de protestar por algo que eles mesmos criticamente perceberam que estava faltando para a sociedade não só de sua cidade, mas de todo o país. Sai daquela sala com o sentimento de ofício cumprido. Ao perguntar a algumas alunas se estávamos aprovados enquanto professores, elas nos responderam que sim, que nós já éramos professores, e dos "bons". Isso me fez ter certeza de que é essa profissão que quero seguir, ou ao menos, tenho me dedicado para desempenhar.

A regência

Bem, o momento das regências foi o mais difícil para mim, tendo em vista que tivemos que preparar e aplicá-las em dupla, e, como já foi dito, a minha companheira teve a infelicidade de sofrer um acidente e por conta disso ficamos alguns meses sem ter como iniciarmos o processo de elaboração das mesmas. Conversei com a nossa professora de

estágio, e expus a situação, e ela compreensivelmente nos disse que nós fizéssemos de tudo para estar em sala de aula, nem que fosse apenas com duas aulas, caso contrário, minha colega perderia o período.

Mediante ao estado físico e psicológico de minha colega, e ao apreço que eu tenho por ela, conseguimos após alguns meses conversar e combinar como faríamos a regência; como ela não podia fazer muito esforço e também não tinha a menor condição de ir até Guarabira (cidade onde se localiza o Centro de Humanidades da UEPB, e onde normalmente se aplicam os estágios) precisei então, ir até a cidade dela, Araruna - PB.

Como ela já conhecia o corpo docente de uma das escolas de sua cidade, onde a mesma já havia ensinado, ficou bem mais fácil para dialogarmos com uma das professoras de história. No nosso caso, a professora foi muito compreensiva e entendeu perfeitamente nossa situação, nos dando um assunto já introduzido à turma por ela, o que nos permitiu fazer uma abordagem um pouco mais dialogada, sendo menos cansativa para os alunos.

A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão em si, não tem uma grande estrutura, dispõe de nove salas, com secretaria, sala de professores, auditório, cozinha, e laboratório de informática, não disponibilizando para seus alunos uma biblioteca. Utiliza-se de alguns mecanismos (pelo que pudemos observar) para a visualização e controle dos alunos; da direção pode-se ver todo o ambiente escolar, as salas, os corredores, e o auditório. O que facilita o domínio de qualquer possibilidade de bagunça, brigas etc.

Ficamos com a turma do 3º ano, ou 3ª série do ensino médio, no turno da tarde. Em minha opinião, turma melhor não haveria de ter, nos receberam muito bem, com algumas brincadeiras sadias e engraçadas, que nos permitiu ficar bem à vontade diante deles.

O tema era “*Revolução Francesa*”, usamos apenas um livro didático como principal fonte, o livro *História de FIGUEIRA, Divalte Garcia* (2011), e como já foi dito a professora havia dado uma pequena introdução do assunto a eles, foi legal porque assim não foi necessário expor logo de cara o conteúdo em si, nós iniciamos com uma pequena discursão do conceito de nobreza, o que proporcionou a eles um espaço para opinarem sobre o que conheciam sobre este conceito, o que era a nobreza para eles. Essa discursão foi nosso ponto de partida para lançarmos todo o contexto histórico que antecedeu a revolução, a vida de um Reinado onde a ostentação era vigente, os três Estados, as tentativas de reformas, o desenrolar

de todo o movimento de reforma, a criação de uma assembleia, e o papel de Napoleão Bonaparte.

Foram dois horários de puro aproveitamento da participação dos alunos; claro que não chegava a ser de todos eles, porque sempre terá aquele ou aquela que se intimidam ou que são tímidos; porém no meu ponto de vista a maioria deles se empolgou, principalmente, ao fazermos uma ponte entre as manifestações de junho que ocorreram no Brasil, e a própria revolução francesa, assim como também relacionamos e questionamos as duas formas de governos: a do Brasil atualmente e da França na época da revolução.

A sensação que tive ao sair da sala foi mais uma vez de missão cumprida. Conseguimos alcançar os objetivos traçados em nosso planejamento, a participação dos alunos, os satisfatórios comentários feitos pela professora e também por alguns dos quarenta alunos, nos fez chegar a essa conclusão; de que foi válida nossa participação, assim como nosso desempenho naquela sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que foram concluídas as oficinas e as regências, pude perceber o quanto o presente e passado podem ser aproximados da realidade de um alunado. Na oficina, o tema já era atual, mas mesmo assim precisava ser inserido no contexto daqueles alunos, daquela comunidade, por isso focamos nosso olhar e reflexão para a repercussão dos protestos no estado da Paraíba, na cidade de Guarabira, e ainda fomos além, chegamos mais perto do cotidiano dessas pessoas, ao alegarmos que eles poderiam protestar por quaisquer que fossem os motivos em suas ruas, e até mesmo em suas casas.

Na regência, a reaproximação de que fala Ecco (2007), ocorreu relacionando um fato histórico, com fatos ocorridos em nosso país, fatos esses, que têm algumas características semelhantes à Revolução Francesa. Houve essa inclusão histórica nos dois casos, justamente por trazer para as realidades dos alunos fatos que muitas vezes são repassados para eles como se não tivessem nenhuma aproximação com a vida que levam, com o contexto que estão habituados.

Digamos que seja como sair da zona de conforto, deixar de lado o simples “repassar” de conteúdos, e fazer com que esse conteúdo seja significativo para qualquer alunado; é estudar o fato histórico não apenas por ser histórico e por constar nas bases curriculares de uma série, mas sim, fazer com que esse acontecimento seja estudado, analisado, e refletido pelos alunos, onde os mesmos possam – com a ajuda do professor, ou sozinhos – aproximar esse tema da sua realidade, fazendo com que essa aproximação transforme o indivíduo ou o meio a qual o mesmo está inserido.

Nessa perspectiva podemos apontar a metodologia da problematização como umas das possibilidades de se ter uma inclusão histórica mais precisa. A mesma como já foi citado, consiste, segundo Neusi (1998), em cinco etapas: Observação da Realidade; Pontos-Chave, Teorização; Hipóteses de Solução e Aplicação à Realidade (prática).

O primeiro ponto que é citado como início dessa metodologia é a Observação da Realidade social, onde os alunos com a ajuda do professor observarão a qual parcela de sua realidade está sendo vivido, ou se já foi vivido, o tema proposto na sala de aula. Essa etapa nós conseguimos realizar, tanto nas oficinas como nas regências, pois se foi pedido aos alunos para que observassem o contexto ao seu redor de forma com que eles próprios pudessem enxergar a parcela que estavam vivenciando os protestos, que foram nas oficinas, por exemplo, a população das principais capitais, tomando uma repercussão em todo o Brasil.

A segunda etapa consiste em fazer com que os alunos reflitam sobre possíveis determinantes ou causas desses problemas, elaborando Pontos-Chaves, para que percebam, por exemplo, que problemas de ordem social (os da saúde, educação, da cultura e das relações sociais, etc) são complexos e muitas vezes determinados por diversas causas; também se foi possível fazer com que os alunos refletissem sobre as causas desses protestos, que não foram desencadeados apenas pela cobrança da diminuição das tarifas dos transportes públicos no caso dos protestos, nem pela irritação que o povo francês estava sentindo com a incompetência do rei Luís XVI, na Revolução Francesa, e sim pela complexidade das causas, que estavam na conjuntura de cada um desses momentos históricos. Assim, fomos elaborando de forma dialogada com os alunos, problemas em torno dessas temáticas.

Essas duas etapas podem ser trabalhadas em qualquer sala de aula, e já proporcionam uma problematização, fazendo com que o olhar do aluno mude, tornando um olhar mais crítico e reflexivo.

A terceira etapa é a da Teorização, ou seja, pesquisa. Os alunos buscariam informações que necessitassem sobre os problemas, se organizariam tecnicamente para que fossem investigar fontes, como livros, revistas de outras épocas, enfim, tudo o que trouxesse algum conhecimento a mais do que os já fornecidos através das discursões até aquele momento. O que infelizmente não foi possível fazer na oficina, e muito menos na regência por falta de tempo, afinal seria preciso que nós déssemos um prazo para que os alunos fizessem essas pesquisas.

Até aqui, segundo a metodologia da problematização, o aluno já recebeu todos os requisitos para a compreensão desse problema, já o discutiu, inseriu o mesmo em sua realidade, delimitou os pontos para se chegar até as possíveis soluções, investigou a fundo e adquiriu conhecimentos e informações que contribuirão para as soluções, e agora na quarta etapa, serão criadas hipóteses para essas soluções.

A quinta e última etapa, talvez seja a mais prazerosa de todas; a Aplicação à Realidade após ter criado as hipóteses e visto que alguma delas traria pontos positivos para a comunidade em questão, os alunos junto com o professor, sairiam da sala de aula e se deslocariam até o local do problema, assim colocariam em prática todo o conhecimento adquirido, toda a discursão feita no decorrer dessas quatro etapas, e assim consolidariam a problematização. Ou seja, do meio se foi pensado, e para o meio será voltado a solução do problema. Essa é ação transformadora da metodologia da problematização “Do meio observaram os problemas e para o meio levarão uma resposta de seus estudos, visando transformá-lo em algum grau” (BERBEL, 1996 apud Idem, 1998, p. 144).

Neusi propõe que a essa metodologia só deva ser usada no ensino superior, “A Metodologia da Problematização como uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior” (ECCO, 2007, p. 142). Da qual devo discordar, pois podemos sim aplicar essa metodologia em turmas do ensino médio, por exemplo, talvez não na mesma intensidade ou formato, mas, não vejo razão para ser restringi-la apenas para alunos de ensino superior. Ao contrário, sei que pela dinâmica dessa metodologia, seria agradabilíssimo trabalhá-la com outras turmas, que não sejam de graduação.

Essa metodologia poderia ser trabalhada, por exemplo, como um projeto, onde seriam integrados alunos, escola e sociedade. Ou, pode-se também, aplicá-la como uma forma

de trabalhar um semestre, já que a mesma precisa de vários encontros consecutivos para que se chegue ao resultado esperado.

Há algumas ressalvas a serem feitas; existem muitas alternativas metodológicas para serem usadas em sala de aula – o ato de ensinar consiste em tentativas; um método, por exemplo, não funcionará com todas as turmas devido ao tipo de alunado das mesmas, portanto, parte de um conjunto de metodologias que nem sempre terá um efeito positivo e que para isso é necessário um olhar mais preciso do professor, onde ele poderá aplicar para cada turma uma metodologia diferenciada – por isso essa é apenas mais uma.

Além do que essa metodologia implicará em uma cadeia de outras metodologias, o professor não precisa prender-se a apenas um método, mas, um método se for bem utilizado por ele, fará com que um leque de outros métodos surja, e assim o mesmo terá condições de aplicar o melhor método analisando as necessidades de cada alunado.

Por fim, acredito que toda esta experiência de estágio, que me levou a estas reflexões sobre o sentido e método do conhecimento histórico, permaneça comigo e me leve para outros desafios e tentativas de acerto junto à escola que pretendo ser meu campo não mais de estágio, mas de trabalho.

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?**. Ed. Interface, 1998. pp. 139-154.

ECCO, Idanir. **O ensino de História: Evidências e tendências atuais**. 2007. pp. 123-141.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História**. volume único. 1ª Edição, 6ª impressão. Editora ática, São Paulo, 2011.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino médio**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARX Karl; ENGELS, Frederico. **O manifesto Comunista**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1998.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA OFICINA DIDÁTICA

GRUPO: Gilmara da Costa Ferreira, José Miranda Júnior, Júlio Cezar Miranda, Maria Valdênia Félix dos Santos.

TEMA: As Manifestações de Junho no Brasil

PÚBLICO-ALVO: Estudantes do 7º Ano (EJA)

JUSTIFICATIVA:

Consideramos um dos maiores movimentos populares realizados após os protestos pelo *impeachment* do ex-presidente Collor de Melo, em 1992, a chamada “Manifestações de Junho”. Ocorridas recentemente no Brasil, em junho de 2013, e que mobilizaram milhares de pessoas pelo país, com o foco inicial na redução das tarifas do transporte público na cidade de São Paulo proposto pelo coletivo Movimento Passe Livre (MPL), incorporando, posteriormente, outras demandas da sociedade brasileira, este fato da história do tempo presente, mereceu destaque nesta oficina didática, referente ao componente curricular Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), devido à necessidade de compreensão, por parte do público-alvo, de que as manifestações são ferramentas utilizadas pela população desde o início da formação da sociedade brasileira, e não apenas na atualidade.

OBJETIVO GERAL:

- Compreender as “Manifestações de Junho no Brasil” como um processo histórico de movimentos populares reivindicatórios, e não apenas um fenômeno atual isolado.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver uma análise crítica dos acontecimentos históricos relacionados às manifestações populares;
- Estimular a participação dos estudantes nos debates políticos em suas comunidades locais;
- Destacar a importância do protagonismo de cada cidadão na formulação de políticas públicas para o bem-estar social;
- Reconhecer o valor dos movimentos sociais para a efetivação da democracia.

REFERÊNCIAS:

Serão utilizadas como fontes para o desenvolvimento da referida oficina didática, informações de sites e blogs noticiosos da internet como o Portal Vermelho, Portal Correio da Paraíba, PB Agora, Portal Mídia, Jornal da Paraíba e o Blog Vi o Mundo. Além do site da Universidade de São Paulo (USP) e do Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino médio**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
MARX Karl; ENGELS, Frederico. **O manifesto Comunista**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1998.

PLANEJAMENTO/Instrumentos:

- Tempo de duração: 50 minutos
- Metodologia e estratégias: Aula expositiva e dialogada
- Recursos didáticos: Datashow, cartolinas, canetas-piloto.
- Distribuição/organização das atividades: Apresentação de slide, aprofundamento do tema e confecção de cartazes.

DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS:

A oficina didática terá o tempo de duração de 50 minutos, inicialmente com uma introdução do tema proposto, no caso, “As Manifestações de Junho no Brasil”, através de algumas imagens projetadas por um Datashow sobre as manifestações ocorridas em diversas regiões do país.

Em seguida, será feita uma breve exposição sobre a origem dos protestos e de outros movimentos populares ocorridos no Brasil, concluindo a abordagem do tema destacando a repercussão das manifestações no Estado da Paraíba, e finalizando a oficina didática com a produção de cartazes pelos estudantes, após instiga-los sobre as suas possíveis reivindicações, expondo-os para os demais colegas da turma.

APÊNDICE A – PLANO DE AULA DA REGÊNCIA

- **TEMA:** Revolução Francesa
- **OBJETIVO GERAL:** Compreender o contexto político e econômico que antecedeu a revolução francesa, suas causas, objetivos e seu desenrolar para a partir destes despertar no alunado um olhar crítico em relação as formas de governos contemporâneos.
- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**
 - Analisar a crise de 1778 na França e seus decorrentes;
 - Observar as diferenças entre os Estados Gerais;
 - Voltar o olhar do aluno para a ligação existente entre a revolução francesa e os protestos que aconteceram no Brasil em Junho de 2013.
- **CONTEÚDO:**
 - França em crise; tentativas de reformas; terceiro estado; a queda da bastilha; a criação de uma nova constituição; o diretório.
- **METODOLOGIA:**
 - A primeira instancia discutir com os alunos o conceito de nobreza, em seguida expor o tema abordado, apresentando-lhes imagens e proporciona-los um diálogo constante do fato histórico com o presente.
- **RECURSOS DIDÁTICOS:**
 - Quadro branco, marcador, Datashow, lápis, folha, livro didático.
- **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**
 - FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História**, volume único. 1ª Edição, 6ª impressão. Editora ática, São Paulo, 2011
- **AVALIAÇÃO:**
 - Participação nas aulas;
 - Questões para a verificação da aprendizagem.

Professoras estagiárias:
Gilmara Costa Ferreira e Valdênia Felix dos Santos.

